UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

ABIMAEL DE OLIVEIRA SILVA

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO SAXOFONE NA FILARMÔNICA MUNICIPAL MAESTRO ANTÔNIO JOSUÉ DE LIMA A PARTIR DO OLHAR DOS SAXOFONISTAS

JOÃO PESSOA
Agosto de 2020

ABIMAEL DE OLIVEIRA SILVA

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO SAXOFONE NA FILARMÔNICA MUNICIPAL MAESTRO ANTÔNIO JOSUÉ DE LIMA A PARTIR DO OLHAR DOS SAXOFONISTAS

Monografia de graduação apresentada ao Curso de Licenciatura em Música como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro

JOÃO PESSOA

Agosto de 2020

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

S586p Silva, Abimael de Oliveira.
O processo de ensino e aprendizagem do saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima a partir do olhar dos saxofonistas / Abimael de Oliveira Silva. - João Pessoa, 2020.
52 f. : il.

Orientador: Fábio Henrique Gomes Ribeiro
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA

1. Música - Monografia. 2. Saxofone - Ensino e aprendizagem. 3. Instrumentos Musicais - Ensino e aprendizagem. 4. Filarmônica Maestro Antônio Josué de Lima - História. I. Ribeiro, Fábio Henrique Gomes. II. Título.

UFPB/BS-CCTA CDU: 78(043.2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

A monografia de **ABIMAEL DE OLIVEIRA SILVA**, intitulada **O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO SAXOFONE NA FILARMÔNICA MUNICIPAL MAESTRO ANTÔNIO JOSUÉ DE LIMA A PARTIR DO OLHAR DOS SAXOFONISTAS** foi **aprovada** pela banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio Henrique Ribeiro (orientador)
Departamento de Educação Musical - UFPB

Prof. Dr. Vanildo Mousinho Marinho (examinador)
Departamento de Educação Musical - UFPB

Prof. Me. Heleno Feitosa Costa Filho (examinador)
Departamento de Música - UFPB

João Pessoa, 14 de agosto de 2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, Arnaldo da Silva, que infelizmente faleceu no início do ano, depois de uma luta curta, mas dura, contra um câncer de pâncreas. Homem íntegro, trabalhador e de um sorriso contagiante, que sempre deu o seu melhor para cuidar da sua família. Serei eternamente grato por seu cuidado, apoio e amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela vida e pelas possibilidades que me concedeu ao longo dos anos, sempre me capacitando para tomar decisões da maneira mais apropriada possível e me guiando sabiamente pelos caminhos que se apresentavam à minha frente.

Aos meus pais, Arnaldo da Silva (In memoriam) e Maria dos Prazeres de Oliveira Silva, por me amar, me educar da melhor forma que puderam, me ensinar seu valores e princípios, e estar sempre ao meu lado, cuidando de mim e me apoiando em todas as minhas empreitadas ao longo da vida.

A minha namorada, Evelyn Kalyne, por seu amor, amizade, carinho, cuidado, atenção, apoio, companheirismo, e por ser luz nos momentos em que me encontrei envolto em densa escuridão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fábio Ribeiro, que, além de uma de minhas referências como professor, não desistiu de mim, até mesmo nos momentos em que eu mesmo desisti, e foi sempre muito atencioso e um excelente orientador durante todo esse processo.

Ao Prof. Dr. Vanildo Mousinho Marinho, que, além de me dar a honra de participar da banca examinadora, é uma de minhas referências como professor e me ajudou muito no decorrer do curso.

Ao Prof. Me. Heleno Feitosa Costa Filho (Costinha), que, além de me dar a honra de participar da banca examinadora, faz parte da minha vida musical desde 2007, e tem sido um grande mestre, amigo, e referência musical ao longo de todos esses anos.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória musical, em especial aos meus primeiros mestres, Everton Leite, Isaias Oliveira e Moisés Alves, que me ensinaram as primeiras notas, e ao Prof. Me. José de Arimatéia Formiga Veríssimo (Teinha), que, desde os meus 13 anos, tem sido meu mentor no saxofone, amigo, e uma de minhas referências musicais.

Ao maestro Diego Bruno de Souza e aos saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de lima, por sua disponibilidade e atenção, colaborando imensamente com o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, participaram de todo o meu processo de formação musical, familiares, amigos, colegas de trabalho e alunos, pois o contato diário com vocês e a troca de saberes e experiências me faz crescer e querer a cada dia ser melhor.

“E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração...”

Col. 3:23

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem do saxofone em uma banda de música municipal na região do cariri da Paraíba. O objetivo é discutir as principais concepções dos saxofonistas integrantes da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima sobre os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos naquele contexto. Para isso foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa baseada em entrevistas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas por aplicativo de mensagens e por videoconferência com o regente e com os 9 saxofonistas que compõem o naipe atual de saxofones da filarmônica. Este trabalho teve como base os estudos da área de educação musical, principalmente aos relacionados aos processos de ensino e aprendizagem da música em contexto de bandas. Os resultados indicaram que o ensino e a aprendizagem de saxofone desenvolvido no ambiente da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima foi se modificando, gradualmente, ao longo dos anos e se afastando, em termos metodológicos, de práticas que eram desenvolvidas em outras épocas e que hoje seriam encaradas como ultrapassadas. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem do saxofone desenvolvido na Filarmônica passou por algumas modificações ao longo dos anos, mas sempre buscou os melhores caminhos metodológicos para um resultado que atendesse, da forma mais adequada possível para o contexto, às necessidades musicais e técnicas dos saxofonistas.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem em banda de música. Ensino e aprendizagem de saxofone. Ensino e aprendizagem de instrumentos musicais. Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima.

ABSTRACT

This work presents a reflection on the teaching-learning process of the saxophone in a municipal music band in the region of Paraíba's Cariri. The goal is to discuss the main concepts of the saxophonists who are members of the Municipal Philharmonic Maestro Antônio Josué de Lima about the teaching-learning processes developed in that context. For this, a qualitative research based on interviews was carried out. Semi-structured interviews were carried out by messaging application and by videoconference with the conductor and the 9 saxophonists that make up the current saxophone suit of the philharmonic. This work was based on studies in the area of music education, mainly those related to the processes of teaching and learning music in the context of bands. The results indicated that the teaching and learning of saxophone developed in the environment of the Municipal Philharmonic Maestro Antônio Josué de Lima was gradually modified over the years and moving away, in methodological terms, from practices that were developed in other times and that today they would be seen as outdated. In this way, the saxophone teaching-learning process developed at the Philharmonic has undergone some changes over the years, but it has always sought the best methodological paths for a result that would meet, in the most appropriate way possible, the musical and technical needs of saxophonists.

Key words: Teaching and learning in a music band. Saxophone teaching and learning. Teaching and learning musical instruments. Municipal Philharmonic Maestro Antônio Josué de Lima.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Filarmônica São Tomé - Maestro Antônio Josué de Lima 22
Figura 2 – Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima - Maestro Antônio Bezerra da Silva (Maestro Tonheira) 23
Figura 3 – Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima - Maestro Gedeão Faustino Nunes Filho 24
Figura 4 – Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima - Maestro Diego Bruno de Souza 25
Figura 5 – Fachada da sede da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima . 26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO I 19

O ENSINO E APRENDIZAGEM DO SAXOFONE EM BANDAS DE MÚSICA 19

CAPÍTULO II 27

FILARMÔNICA MUNICIPAL MAESTRO ANTÔNIO JOSUÉ DE LIMA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO 27

2.1 BREVE HISTÓRICO 27

2.2 ASPECTOS GERAIS DE ENSINO E APRENDIZAGEM 31

CAPÍTULO III 36

O ENSINO E APRENDIZAGEM DE SAXOFONE NA PERSPECTIVA DOS SAXOFONISTAS 36

3.1 INGRESSO NA BANDA 37

3.2 PRIMEIROS ESTUDOS 38

3.3 AS AULAS DE SAXOFONE 40

3.4 O AMBIENTE DA FILARMÔNICA 42

3.5 OS ESTUDOS ATUAIS 43

3.6 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE DO PROFESSOR DE SAXOFONE NA FILARMÔNICA MUNICIPAL MAESTRO ANTÔNIO JOSUÉ DE LIMA 45

3.7 O ALUNO E O APRENDIZADO DO SAXOFONE NA FILARMÔNICA MUNICIPAL MAESTRO ANTÔNIO JOSUÉ DE LIMA 47

CONSIDERAÇÕES FINAIS 50

REFERÊNCIAS 53

INTRODUÇÃO

A banda de música figura em nossa história desde a chegada dos portugueses ao nosso país. Passando por várias denominações e formatos ao longo dos anos, a banda de música foi se constituindo como um local de importantes interações sociais, além de um ambiente propício para a aprendizagem musical. Vários fatores, que vão além de questões puramente musicais, como socialização, organização, compromisso e disciplina, permeiam o ambiente da banda de música.

Muitos músicos que hoje atuam profissionalmente, cursam uma graduação em música ou desenvolvem atividades musicais por *hobbie*, tiveram sua iniciação musical feita em bandas de música. Em alguns casos, essa iniciação foi feita em bandas municipais ou projetos escolares; em outros, nas igrejas, principalmente as evangélicas, onde a tradição de formação de bandas de música é bem significativa.

Na Paraíba, a quantidade de bandas de música, dos mais diversos formatos e tamanhos, é considerável, havendo assim certo apoio dos órgãos governamentais para o financiamento dessas estruturas, tanto na capital como em alguns municípios onde essas atividades têm maior reverberação social. Existem ainda alguns trabalhos que são desenvolvidos pela iniciativa privada, como em algumas escolas particulares, e também por algumas igrejas evangélicas, quando estas possuem recursos para financiar essas atividades, o que ocorre com mais frequência em cidades maiores, como João Pessoa, Santa Rita, Cabedelo, Campina Grande, Patos, dentre outras.

Atuando como professor de saxofone no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, no campus situado na cidade de Monteiro, pude perceber que alguns dos nossos alunos são também oriundos de projetos de banda de música, alguns da própria cidade e outros de projetos de cidades vizinhas. O IFPB *campus* Monteiro atende à cerca de dez municípios que ficam em seu entorno e praticamente em todas essas cidades existe uma banda de música, sendo às vezes até duas na mesma cidade, o que mostra o quanto a banda de música é importante na região.

Diante deste cenário, e observando que as pesquisas sobre o ensino de música em bandas de música têm se concentrado nas atividades desenvolvidas nos grandes centros, principalmente por contar com uma maior quantidade de bandas (como é o caso dos estudos feitos na cidade de João Pessoa) resolvi direcionar meu foco para os trabalhos desenvolvidos no cariri paraibano, pois existem vários projetos na região, que foram pouco ou quase nada estudados.

O ambiente escolhido para o desenvolvimento da minha pesquisa foi a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, situada na cidade de Sumé, no cariri Ocidental da Paraíba, fundada em 1926 com o nome de Sociedade Filarmônica São Tomé. A banda teve o apoio de fazendeiros e comerciantes locais para sua organização inicial, e posteriormente, depois de um período de inatividade, foi reativada e mantida pela prefeitura municipal de Sumé.

A banda de música se apresenta, em nossa região e em nosso país, como um importante espaço de formação de instrumentistas de sopro (madeiras e metais) e percussão, sendo responsável pela formação de muitos músicos que estão em atuação no mercado de trabalho, bem como de músicos amadores, fazendo em muitos casos o papel de escola de música de uma dada localidade.

Sobre a importância da banda de música na formação do músico brasileiro, Nascimento (2004) destaca:

> Verifica-se ainda, a existência de músicos entre as grandes orquestras e bandas militares, nas instituições de ensino musical e em grupos populares famosos, que tiveram sua iniciação musical nas bandas de música. Nota-se, também, com certa obviedade, que a maioria atua como instrumentistas de sopro: clarinetistas, saxofonistas, trombonistas, trompetistas, flautistas, tubistas, além de percussionistas - devido à configuração da banda de música ser formada, majoritariamente, por instrumentos de sopro e percussão. Há a possibilidade, também, de existirem músicos que tiveram sua origem musical na banda e, hoje, exercem funções musicais como regentes, arranjadores, diretores musicais, produtores ou cantores. (NASCIMENTO, 2004, p. 95)

Além dessa importância no que diz respeito à formação de músicos, a banda de música também é relevante enquanto patrimônio da comunidade. Em grande parte, principalmente nas cidades do interior do estado, a banda está vinculada às prefeituras, que tradicionalmente são incentivadoras desses projetos. Com suas apresentações em eventos religiosos e cívicos da cidade, além de apresentações especiais, como as retretas, as bandas movimentam as atividades culturais da região, gerando na comunidade um sentimento de carinho e respeito em relação ao grupo. Sobre esta questão Silva (2014) diz que:

> A concentração da população nas cidades no século XIX determinou um novo tipo de relacionamento social, estabelecido, sobretudo em lugares públicos. As bandas deixaram de ser um elemento ligado à guerra e adquiriram uma nova função: a de alegrar festas e demais encontros populares, contribuindo assim para a difusão da música. No período posterior a 1822, ano da Proclamação da Independência, as bandas militares passaram a ser mais valorizadas dentro do militarismo e também pela população. Entre as bandas existia uma competição sadia no tocante ao

> repertório que além das marchas, hinos e dobrados passaram a incluir peças populares e clássicas, popularizando mais ainda as bandas e contribuindo para a valorização da profissão. (SILVA, 2014, p. 32)

A igreja, assim como as prefeituras, também tem importante papel no processo de formação e apoio às bandas de música. De acordo com Pereira Júnior (2009), conforme citado por Silva (2014):

> A igreja teve um importante respaldo no ensino coletivo nas eras coloniais e pós-coloniais. Ela centralizava o cultivo da música, uma vez que os jesuítas possuíam um alto conhecimento. Com essa impulsão dos jesuítas, o gosto musical foi se alastrando forçando assim a criação de núcleos profanos, onde um grande número de alunos se concentrava em conjunto para apreciarem, aprenderem e tocar instrumentos e a cantar. Foi neste ímpeto, que se formaram os primeiros grandes coros, e as primeiras bandas musicais brasileiras, onde o ensino coletivo era uma prática muito exercida, já que a razão de alunos era bem maior do que os professores disponíveis, e uma maneira de abarcar um grande número de pessoas, era do estudo em conjunto, em sua grande parte, partindo diretamente do fazer musical, sem muitas delongas, o objeto final era a execução do instrumento, seja para qualquer finalidade, seja ela, cultural, religiosa, profana, enfim, de qualquer modo o importante era fazer música (apud SILVA, 2014, p. 19)

Situada a banda de música em nossa realidade e entendidas de forma simples suas funções básicas, é importante pensar em como se dão os processos de ensino-aprendizagem dos vários instrumentos que a constituem. Almeida (2010) ressalta a importância do regente nesse processo, a esse respeito diz que:

> Na banda de música, é geralmente o maestro que possui a função de ensinar todos os instrumentos que a compõem, bem como os aspectos relacionados a teoria, leitura e escrita musical. Para isso, ele precisa adquirir, durante a formação, conhecimentos a respeito de organologia, execução instrumental de todos os instrumentos da banda, teoria musical, e sobretudo, os aspectos pedagógicos que acompanham o ato educativo-musical. (ALMEIDA, 2010, p. 12).

Diante disso, estudar o processo de ensino-aprendizagem de música em uma banda de música, e mais especificamente o processo de ensino-aprendizagem do saxofone, que é meu instrumento de formação, sempre me atraiu enquanto temática de estudo, dada a minha formação musical ter sido iniciada também neste espaço, mais precisamente em um projeto desenvolvido por uma igreja evangélica em minha cidade natal, Santa Rita.

Considerando a falta de escolas especializadas de ensino de música em muitas cidades de nosso estado, a banda de música se apresenta como uma das únicas possibilidades de acesso a conhecimentos musicais, teóricos e práticos, da cidade, e por vezes até da região.

É esse protagonismo no processo de ensino-aprendizagem de música e de instrumentos de sopro e percussão que tornam a banda de música um local significativo de observação desses processos.

Estando em uma realidade onde as características apresentadas anteriormente são perceptíveis, mesmo com o IFPB campus Monteiro atuando na região do cariri paraibano e possuindo um curso técnico em instrumento musical que oferece vagas para os instrumentos característicos de uma banda de música, muito do ensino desses instrumentos ainda ocorre exclusivamente no espaço das bandas de música. O fato de muitos alunos não terem condições de ir estudar em outra cidade, ou os pais acharem que são jovens demais para isso, além do IFPB campus Monteiro não conseguir ofertar uma quantidade de vagas suficiente para atender a essas demandas, reforça ainda mais essa realidade.

Desta forma, assim como em minha formação musical inicial não tive acesso a professores especializados do meu instrumento, mas tive sim uma formação musical que contribuiu enormemente para a minha carreira profissional como saxofonista, observo que o mesmo processo de protagonismo das bandas de música na formação do saxofonista na região do cariri paraibano acontece de maneira muito forte. E é sobre esses processos e como eles acontecem em uma banda daquela região que pretendi focar minha pesquisa, norteando o processo investigativo pelo seguinte problema de pesquisa: Quais são as principais concepções dos saxofonistas integrantes de uma banda de música no cariri paraibano sobre os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos neste contexto?

Diante disso, o trabalho de pesquisa teve como objetivo geral compreender as principais concepções dos saxofonistas integrantes da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima sobre os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos no contexto da banda. Como objetivos específicos, busquei: identificar e compreender as formas de ensino e aprendizagem de instrumentos musicais no contexto da Banda na perspectiva dos integrantes; identificar e compreender os perfis dos saxofonistas que compõem a banda; e verificar como os saxofonistas percebem o processo de ensino-aprendizagem do instrumento neste ambiente.

Com relação à metodologia desenvolvida, os critérios adotados para a seleção da situação educativa levaram em conta a banda de música do cariri paraibano que possuísse aulas regulares de música e de saxofone para os seus componentes, a existência de um professor de saxofone, que pode ser ou não o regente, a receptividade da banda de música à realização da pesquisa e a viabilidade de acesso para a realização da coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas por aplicativo de mensagens com o regente da filarmônica e com os nove saxofonistas da banda escolhida. As entrevistas buscaram, a partir da visão do regente, compreender os processos de ensino e aprendizagem musical desenvolvidos naquele ambiente, bem como, a partir das percepções dos saxofonistas, compreender o processo de ensino-aprendizagem do saxofone naquele contexto.

Por fim, os dados foram analisados sob uma perspectiva qualitativa, sendo confrontados com a bibliografia mais atual sobre o ensino de saxofone em distintos contextos, para a compreensão do problema/questão de pesquisa levantado, dando possibilidades para a realização de novos estudos sobre essa temática.

No que diz respeito à estrutura, este trabalho apresenta três partes: na primeira, uma revisão bibliográfica contextualizando o estudo e os conceitos centrais da minha pesquisa; a segunda parte apresenta o contexto empírico do estudo, descrevendo o contexto da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima; e a terceira parte, é destacado o processo de ensino e aprendizagem do saxofone na perspectiva dos saxofonistas da Filarmônica. Ao final, são apresentadas algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido, destacado as principais respostas aos objetivos, bem como alguns limites e perspectivas do trabalho.

CAPÍTULO I

O Ensino e Aprendizagem do Saxofone em Bandas de Música

Pesquisas que abordem o ensino de saxofone, ou ainda mais especificamente o ensino de saxofone em bandas de música, ainda carecem de maior produção no Brasil. Na revisão bibliográfica realizada, que abarca pesquisas feitas entre os anos de 2015 e 2020 nas revistas da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), Opus, não foram encontradas pesquisas que tratassem diretamente deste assunto.

Contudo, ampliando a busca com a utilização de parâmetros mais abrangentes como o **ensino de instrumento**, 23 trabalhos foram encontrados, dos quais 10 foram encontrados na revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e 13 na revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM).

Dos 23 trabalhos encontrados inicialmente, 13 artigos, 9 na revista da ABEM e 4 na Opus, foram selecionados para discussão nesta pesquisa, levando em consideração as relações mais diretas, ou complementares, à temática proposta, além de alguns outros trabalhos, que mesmo não se encontrando na janela temporal especificada, abordavam o ambiente da banda de música.

Trabalhos como o de Vieira Junior, Montandon e Martins (2017), que trata das estratégias de autorregulação da aprendizagem musical, pesquisa desenvolvida numa banda de música escolar com o objetivo de compreender como os alunos de uma banda escolar aprendem a tocar seus instrumentos, ou de Weber e Garbosa (2015), que trata da construção da docência do professor de instrumento, estudo que buscou compreender o processo de construção da docência de instrumentistas bacharéis que atuam como professores de instrumento, serviram como base para pensar as questões que tinha a respeito do ensino de saxofone em uma banda de música.

Outros trabalhos como os de Almeida (2010), que trata da formação musical nas bandas de música; de Campos (2008), que aborda os aspectos pedagógicos das bandas e fanfarras escolares, pensando não só no aprendizado musical, mas também em outros aprendizados adquiridos naqueles ambientes; de Nascimento (2006), que foca na importância da banda de música como formadora do músico profissional; e de Silva (2014), que aborda a aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música; mesmo estando fora da janela temporal especificada como ponto referencial para esta pesquisa, foram bastante

relevantes, e sua leitura contribuiu para uma melhor compreensão do ambiente educativo na banda de música.

A partir da leitura dos trabalhos encontrados e das necessidades interpretativas da realidade estudada na pesquisa, compreendi a produção acadêmica destacada aqui a partir de duas categorias, que me ajudaram a discutir de maneira mais consistente o meu problema de pesquisa. As categorias elencadas foram as seguintes: **a construção da identidade docente** e **o aluno e seu aprendizado.**

Inicialmente, é de grande importância compreender o ambiente de ensino existente nas bandas de música. Geralmente, um único músico, o maestro, inicia os trabalhos de ensino neste ambiente, sendo responsável pelo processo de iniciação musical dos futuros músicos, na maioria das vezes com a criação de uma dinâmica de ensino similar a de uma escola de música oficial, mas contando apenas com aulas de teoria musical e solfejo. Este professor/maestro, geralmente, é músico militar e/ou proveniente de alguma banda de música, municipal ou de instituição religiosa. A respeito dessa relação com perspectivas mais tradicionais do ensino de música, Glaser (2018) diz que:

> O aprendizado de como transformar a partitura em sons é um processo no qual entra em jogo uma série de tradições e de maneiras consideradas adequadas para a realização sonora da escrita musical; a aquisição deste conhecimento costuma ser intermediada por professores. (GLASER, 2018, p. 102).

O ensino de música nas bandas se dá, geralmente, em duas etapas: a primeira de aprendizado da linguagem musical, com aulas de teoria musical e solfejo, visando a leitura das partituras que serão utilizadas no repertório da banda; e a segunda, após o solfejo de algumas dezenas de lições, o aprendizado do instrumento, escolhido pelo aluno ou indicado pelo professor/maestro. Nesta última etapa, dependendo da localidade da banda e dos contatos do maestro, outros músicos podem fazer parte desse processo, auxiliando nas primeiras aulas.

Apresentado este cenário inicial, podemos adentrar agora na tentativa de compreensão de como se desenvolvem os processos de **construção da identidade dos docentes** que atuarão na segunda etapa do processo de ensino nas bandas de música, o ensino dos instrumentos utilizados: madeiras, metais e percussão. Vale ressaltar que, na maioria dos casos, principalmente o que pretendemos analisar neste trabalho, este professor também continua sendo aluno.

A partir dos trabalhos de Weber e Garbosa (2015, 2017), Menezes e Pereira (2017), Glaser (2018), Silva e Ronqui (2015), Weiss e Louro-Hettwer (2019) e Amorim (2017) foi

possível analisar o processo de construção da identidade profissional dos professores de música que não tem uma formação específica para tal atividade. Este processo de construção de identidade é bastante relevante no ambiente das bandas de música, pois o professor neste ambiente se forja ao mesmo passo que desenvolve suas habilidades de instrumentista. Músicos de banda aprendem e ensinam ao mesmo tempo, tendo os músicos mais experientes, o dever de ensinar os iniciantes

O professor de instrumento na banda de música, independente se o processo de iniciação no instrumento foi feito pelo professor/regente ou por algum professor convidado, é sempre o aluno que mais se destacou durante o período de iniciação musical e o primeiro contato com o instrumento escolhido. Após ser escolhido como o professor/instrutor, este, agora, tem que ajudar os outros alunos daquele mesmo instrumento, ao passo em que vai aprendendo também a utilizá-lo.

De acordo com Glaser e Fonterrada (2007, p. 31), ao encontrar-se diante da docência, sem uma preparação pedagógica adequada, o professor vai repetir o modelo ou os modelos de ensino com os quais teve contato durante o período de formação. Em relação à essa questão, Gauthier et al. (2006, apud WEBER e GARBOSA, 2015, p. 95)[1] diz que os modelos dos antigos professores se constituem em referência de como dar aulas, de como conduzir e organizar a prática docente.

Como em muitos casos a única referência presencial de professor/instrutor foi a figura do professor/regente, o que acontece na maioria das bandas de regiões mais afastadas dos grandes centros, e que não dispõem de uma escola especializada em música, este professor/instrutor precisa buscar outras referências para a construção de sua maneira de ensinar.

Estas referências naturalmente são encontradas através de meios como a internet, pois atualmente temos muitos profissionais que se dedicam ao ensino a distância, e também contamos com uma maior quantidade de informações disponíveis para consulta, o que contribui consideravelmente na aquisição de novos conhecimentos e na construção de algumas dessas referências.

Entretanto, para estes professores/instrutores, não basta apenas utilizar os modelos de antigos, e novos professores, para a construção de sua identidade docente, é importante também perceber-se no seu próprio processo de aprendizagem e nas experiências que vai adquirindo ao longo de sua atuação como músico. Com relação a esse processo de formação,

[1] GAUTHIER, Clermont. et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Tradução: Francisco Pereira. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

Isaia e Bolzan (2009, p. 121) entendem que eles "são constituídos a partir de experiências vividas pelos sujeitos/professores e que pela sua significância intra e intersubjetivas transformam-se em experiências formativas" (apud WEBER e GARBOSA, 2015, p. 94)[2]. Sobre esse aspecto, Tardif (2011) diz que:

> Os professores utilizam, em suas atividades cotidianas, conhecimentos práticos provenientes do mundo vivido, dos saberes do senso comum, das competências sociais. Suas técnicas não se apoiam nas ciências ditas positivas, mas sobretudo nos saberes cotidianos em conhecimento comuns, sociais, baseados na linguagem natural (apud WEISS e LOURO-HETTWER, 2019, p. 136).

Ainda sobre essa questão do saber construído a partir da experiência, Tardif (2012)[3] acrescenta que:

> [...] mergulhados na prática, tendo que aprender fazendo, os professores devem provar a si próprios e aos outros que são capazes de ensinar. A experiência fundamental tende a se transformar, em seguida, numa maneira pessoal de ensinar, em macetes da profissão, em habitus, em traços da personalidade profissional (apud WEBER e GARBOSA, 2017, p. 105)

Outro fator relevante para a construção da identidade docente desse professor/instrutor, é o contato com outros colegas professores/instrutores, que provavelmente estão passando por situações muito parecidas. Este contato com os colegas tanto é rico com relação ao crescimento como instrumentista, como também como professor. De acordo com Weber e Garbosa (2015) o contato e as experiências com os colegas também são importantes elementos no processo formativo do professor de instrumento. Com relação a essa questão, Tardif (2012, apud WEBER e GARBOSA, 2015) afirma que:

> O papel dos professores na transmissão de saberes a seus pares não é exercido apenas no contexto formal das tarefas de animação de grupos. Cotidianamente, os professores partilham seus saberes uns com os outros através do material didático, dos 'macetes', dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula, etc. Além disso, eles também trocam informações sobre os alunos. Em suma, eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação (apud WEBER e GARBOSA, 2015, p. 96)

Por fim, é importante considerar que não existe um único caminho para se tornar um professor, entretanto a partir dos pontos abordados acima é possível perceber que

---

[2] ISAIA, Sílvia; BOLZAN, Dóris. Trajetórias da docência: articulando estudos sobre processos formativos e a aprendizagem de ser professor. In: ISAIA, Sílvia; BOLZAN, Dóris (Orgs.). Pedagogia universitária e desenvolvimento profissional docente. p. 121-143. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

[3] TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 13. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

naturalmente a identidade docente desse professor/instrutor, que atua em bandas de música, vai se moldando, conforme Weber e Garbosa (2015) sugerem, a partir de três pontos importantes: a vivência musical do professor/instrutor enquanto intérprete e aluno; as referências de modelos de antigos, e novos, professores; e a troca de experiência com os colegas.

Partindo para a segunda categoria: **o aluno e seu aprendizado**, e com base nos trabalhos de Pscheidt e Araújo (2015), Oliveira e Santos (2016), Vieira Junior, Montandon e Martins (2017), Brasil e Galvão (2015), Farias (2017) e Zorzal (2015), iremos analisar os diversos processos de aprendizagem musical utilizados pelos estudantes de um instrumento, e correlacioná-los com os processos que ocorrem no ambiente da banda de música.

É importante perceber que o aprendizado de um instrumento numa banda de música se desenvolve de diversas maneiras, tendo em vista o caráter informal de ensino desenvolvido neste ambiente. Naturalmente, o processo de ensino ocorre em duas etapas: o aprendizado da linguagem musical e o aprendizado da técnica de manuseio do instrumento, tendo como objetivo principal, a inserção do aluno no corpo da banda.

Como relação a primeira etapa de aprendizado, a compreensão da linguagem musical, o professor/regente inicialmente ensina aos alunos os signos básicos para uma mínima compreensão dessa linguagem, de forma escrita, para que o aluno consiga ler as partituras das músicas do repertório da banda. Após esse primeiro momento, o professor/regente passa a trabalhar o solfejo com os alunos, para que se habituem com a fluxo musical.

O cumprimento desta etapa de solfejos é o que garante ao aluno o acesso ao aprendizado do instrumento de sua escolha, ou de escolha do professor/regente. Neste momento, é onde ocorre um grande número de desistências, pois a quantidade de solfejos requeridos é geralmente muito grande, e como o aluno ainda não teve contato direto com o instrumento, isto acaba por desestimulá-lo. Os que conseguem vencer esta etapa serão designados às aulas de seus respectivos instrumentos.

Considerando que neste tipo de ambiente, muitas vezes, existe apenas a figura do professor/regente, muitos dos professores instrutores que ensinarão os alunos que venceram a etapa de solfejos são também alunos que estão em igual processo de aprendizagem, entretanto são os que apresentaram maior desenvoltura tanto na leitura quanto no manuseio inicial do instrumento. Em alguns casos, dependendo da localidade e das relações do regente, alguns músicos mais experientes são trazidos para as primeiras aulas de instrumento.

Contudo, o aprendizado do instrumento fica muito a cargo do interesse do aluno, requerendo dele um certo grau de autodidatismo na sua formação. A partir dessa necessidade de aprender, os alunos vão desenvolvendo seu próprio processo de autorregulação de suas aprendizagens. Sobre este processo, Brasil e Galvão (2015, p. 123), citando Zimmerman (2000), dizem que ele o designa "como uma função cognitiva utilizada para controle do processo de aprendizagem, como estabelecimento de um objetivo ou norma de estudo e controle do próprio progresso".

Em consonância com este processo, visando a necessidade de aprender e na perspectiva de buscar por modelos que fundamentem tais processos, Gohn (2003) afirma que:

> Se não há um professor para interagir, o aprendiz usualmente elege modelos que irão servir como referência, seja em comportamento ou direcionamentos musicais [...] podemos afirmar que a auto-aprendizagem envolve de algum modo a presença de 'mestres'. (GOHN, 2003 apud PSCHEIDT e ARAÚJO, 2015, p. 112)[4]

Na busca por esses modelos que guiarão o processo de aprendizagem dos alunos de instrumento numa banda de música, adquirir a compreensão da necessidade de gerenciar a autorregulação de seu processo de aprendizagem e bastante importante. De acordo com Brasil e Galvão (2015, p. 123) "um aluno que tenha uma aprendizagem autorregulada é aquele capaz de selecionar estratégias adequadas para a resolução de problemas, revisá-las e redirecioná-las, se necessário".

Ainda sobre a necessidade de autorregulação, Brasil e Galvão apontam que:

> Um aluno autorregulado e metacognitivamente eficiente poderá reconhecer melhor as suas dificuldades e adaptar-se de modo a alcançar o objetivo pretendido. Este gerenciamento de tarefas parece exigir um alto nível de organização, de modo que o aluno consiga, em tempo hábil, trabalhar com foco, método e sistematização. (BRASIL e GALVÃO, 2015, p. 125).

Desta forma, o aluno de banda de música, que não dispõe de um professor específico de seu instrumento para tirar dúvidas no decorrer de seu aprendizado, precisa desenvolver estratégias de autorregulação para desenvolver-se musicalmente e no manuseio adequado de seu instrumento.

Dentre as diversas estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos, Vieira Junior, Montandon e Marins (2017) em uma pesquisa feita com alunos de uma banda de música escolar, apontam quatro contextos sociais de aprendizagem: aprendizagem individual,

[4] GOHN, Daniel. Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

aprendizagem com colegas, aprendizagem com o professor e aprendizagem com pessoas fora da banda.

Sobre as estratégias relacionadas à autorregulação da aprendizagem individual, Vieira Junior, Montandon e Marins (2017) apontam em sua pesquisa que:

> São direcionadas em sua maior parte à aprendizagem dos instrumentos por meio das formas de estudar as lições da apostila e do repertório. Entre estas, foram identificadas: variar o andamento, ler a partitura antes de tocar, dividir a música em partes para gerenciar o estudo, repetir trechos musicais e substituir mentalmente ritmos por palavras. Outras estratégias de "aprender sozinho" são mais direcionadas à aprendizagem específica do repertório, tais como ler e/ou tocar a música juntamente com o áudio e memorizar a música. Em dúvidas relacionadas ao dedilhado, os alunos recorrem ao método (manual) de ensino utilizado. (VIEIRA JUNIOR, MONTANDON e MARINS, 2017, p. 68).

Com relação aos processos de aprendizagem com os colegas, ação essa bastante recorrente no ambiente das bandas de música, Green (2002) e Smith (2013) indicam em sua pesquisa que:

> Muitos músicos populares traçam um caminho de aprendizagem permeado, muitas vezes, por interações com seus colegas. Assim, costumam aprender ao interagir com os companheiros e também em grupos, de modo que o processo de aquisição de habilidades e conhecimentos se dá através do assistir, escutar, imitar e conversar. (apud PSCHEIDT e ARAÚJO, 2015, p. 112)

Segundo Vieira Junior, Montandon e Marins (2017), solicitar auxílio aos colegas mostrou-se uma estratégia de autorregulação da aprendizagem bastante recorrente quando não se obtinha êxito com as estratégias individuais de aprendizagem. Os autores também citam que além de estudarem sozinhos e buscarem ajuda com colegas, os alunos também citam a internet como local de busca e aprendizagem. Esta estratégia traz para o processo de aprendizagem um alcance à materiais específicos do instrumento, desde métodos até repertório específico, que em outras épocas era bem mais dificultoso.

Concluindo o detalhamento dos pontos apresentados em sua pesquisa, Vieira Junior, Montandon e Marins (2017) observaram que o auxílio do professor não se constituía como a primeira opção da maioria dos alunos. Este fato naturalmente se dá no ambiente de bandas de música, pois o professor/regente não tem conhecimentos técnicos de todos os instrumentos, o que impossibilita, de certa forma, a ajuda. De igual modo a busca por auxílio fora da banda se mostrou pequena, mas existente, como uma busca por outros modelos de aprendizagem.

A partir do estabelecimento destas duas categorias, da compreensão dos processos de ensino/aprendizagem desenvolvidos em uma banda de música e mantendo em mente a questão norteadora desta pesquisa é possível começar a pensar como os saxofonistas veem este ambiente e compreendem o desenvolvimento destes processos para o seu crescimento musical.

Diante do exposto e a partir destes dois pontos que foram delimitados, é possível articular tais informações com o contexto dos saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima e compreender se eles passam, ou passaram, por processos de ensino e aprendizagem semelhantes, como lidam como essas questões, e qual a visão que eles têm de todo o processo de ensino-aprendizagem a que foram submetidos.

CAPÍTULO II

Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima: uma breve contextualização

2.1 Breve Histórico

Segundo pesquisa realizada por Souza (2015), a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima foi inicialmente chamada de Sociedade Filarmônica São Tomé, em homenagem ao distrito que antecedeu a criação do município de Sumé, enquanto ainda era distrito de São Tomé, que ganhou este nome por estar localizado próximo ao Riacho São Tomé. A Filarmônica, que é a mais antiga banda de música do cariri paraibano, foi fundada em 1926, sob a regência do maestro Antônio Josué de Lima, tendo como apoiadores comerciantes e fazendeiros da cidade, que ajudaram na compra dos primeiros instrumentos utilizados. Na figura 1, podemos ver a Filarmônica São Tomé no período de regência do maestro Antônio Josué de Lima.

Figura 1 - Filarmônica São Tomé - Maestro Antônio Josué de Lima

Fonte: Arquivo da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de lima

Souza (2015) relata que após um período de inatividade, no ano de 1984 a Sociedade Filarmônica São Tomé foi reativada pela prefeitura municipal de Sumé e rebatizada como Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, em homenagem ao seu primeiro regente. Para desenvolver os trabalhos nesta nova etapa, foi convidado o maestro Antônio Bezerra da Silva, popularmente conhecido como Maestro Tonheira. Na figura 2, temos a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima no período do maestro Antônio Bezerra da Silva (Maestro Tonheira).

Figura 2 - Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima - Maestro Antônio Bezerra da Silva (Maestro Tonheira)

Fonte: Arquivo da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de lima

Souza (2016), que desenvolveu uma pesquisa sobre como a educação musical e o ensino não formal eram desenvolvidos na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, apresenta algumas informações históricas relevantes para nossa compreensão contextual da banda:

> Após o maestro Tonheira não ser mais regente da filarmônica, a banda ganha mais um regente o maestro Gedeão filho que se apresentava em várias solenidades e festejos das regiões do Cariri Paraibano. Com essa nova regência, a filarmônica conquista o primeiro lugar no encontro paraibano de bandas realizado na capital João Pessoa no dia 24 de agosto de 2002, além

> de que, o segundo lugar ficou com a banda da cidade do Congo-PB que era regida pelo maestro da filarmônica de Sumé. (SOUZA, 2016, p. 19)

Ainda de acordo com Souza (2016), além da intensa atividade que a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima desenvolvia nas diversas solenidades e festejos da região, o maestro Gedeão Faustino Nunes Filho, à frente da Filarmônica, teve uma contribuição bastante relevante no processo de educação dos jovens da cidade de Sumé e da região do cariri paraibano. Sobre isso ela acrescenta:

> Com a regência de Gedeão Faustino Nunes Filho podia se ver muitos jovens e crianças presentes na banda, daí surgiu novos músicos e muitos jovens chegaram até a se profissionalizar e, consequentemente, foram fazer parte da importante banda oficial da presidência da República, Dragões da Independência. (SOUZA, 2016, p. 19)

Na figura 3, vemos a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima no período em que o maestro Gedeão Faustino Nunes Filho era o regente. Neste período a filarmônica chegou a ter em seu corpo musical quase 50 músicos.

Figura 3 - Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima - Maestro Gedeão Faustino Nunes Filho

Fonte: Arquivo da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de lima

De acordo com Souza (2015), a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, atualmente regida pelo Maestro Diego Bruno de Souza, continua sob a

responsabilidade da Prefeitura Municipal de Sumé que, além de financiar a estrutura musical, que conta com aproximadamente 35 componentes, também mantém uma escola de música, que serve para a renovação do corpo musical da filarmônica.

Na figura 4, vemos a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, agora sob a regência do maestro Diego Bruno de Souza, que está à frente das atividades da filarmônica até o momento.

Figura 4 - Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima - Maestro Diego Bruno de Souza

Fonte: Arquivo da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de lima

Com relação à estrutura física, a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, ao longo de sua história passou por três prédios antes de chegar à estrutura atual. O primeiro prédio sede foi ainda enquanto associação, local onde permaneceram por muitos anos, mesmo depois que deixaram de ser associação e passaram a estar sob a responsabilidade da prefeitura de Sumé.

Em seguida, já sob a responsabilidade da prefeitura de Sumé, passaram por mais dois prédios, temporários, enquanto aguardavam a construção de sua sede definitiva localizada na rua Antônio Rodrigues dos Santos, nº 190, no bairro Alto Alegre, na cidade de Sumé, no ano de 2002. De acordo com o Maestro Diego Bruno de Souza, a prefeitura da cidade de Sumé apoia de forma intensa os trabalhos da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima.

Em 2019, a sede entrou em reforma para aprimoramento das instalações, e as atividades precisaram ser realocadas para um outro prédio da cidade, onde funcionava uma

creche. Esta alocação dificultou um pouco o desenvolvimento das atividades por conta de conflitos de horários com as atividades da creche, mas as atividades da filarmônica continuaram sendo desenvolvidas.

Na figura 5, temos a fachada, antes do início da reforma, da sede atual da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima.

Figura 5 - Fachada da sede da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima

Fonte: Arquivo da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de lima

Com relação ao corpo musical da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, o Maestro Diego Bruno de Souza, informou, em entrevista realizada por aplicativo de mensagens, que a filarmônica atualmente é composta por jovens e adultos, com faixa etária entre 12 e 50 anos, distribuídos nos seguintes naipes: 2 Flautas Transversais, 8 Clarinetes, 4 Saxofones Alto, 4 Saxofones tenor, 1 Saxofone Barítono, 1 Trompa, 3 Trompetes, 4 Trombones, 1 Bombardino, 2 Sousafones e 5 Instrumentos percussivos.

2.2 Aspectos Gerais de Ensino e Aprendizagem

Depois dessa contextualização histórica, podemos adentrar no ambiente de ensino e aprendizagem existente na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima. Dentro desta perspectiva, a fala do atual regente da filarmônica, o Maestro Diego Bruno de Souza, é

bastante relevante para nos ajudar a entender este ambiente, bem como os processos de ensino e aprendizagem ali desenvolvidos.

Em entrevistas realizadas por aplicativo de mensagens, nos dias 11 e 18 de maio de 2020, o Maestro Diego Bruno de Souza falou sobre como eram os processos didáticos na época que ele era aluno na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, e também sobre como esses processos foram sendo modificados ao longo dos anos que está como regente.

Com relação ao período em que era aluno, o Maestro Diego Bruno de Souza, aponta que na época os alunos que queriam entrar na banda tinham que "bater lições" para o maestro/professor. Estas lições eram escritas pelo próprio maestro, utilizando sons naturais e compassos simples, binário, ternário e quaternário, começando por este último, além de figuras como semibreve, mínima e semínima. Dentro desta dinâmica, os alunos cantavam as lições sem a preocupação com a afinação das notas, provavelmente em um solfejo falado, pois as lições eram escritas de forma a testar o reconhecimento das notas e seus tempos na partitura. Nesse sentido, o Maestro Diego Bruno de Souza relata que:

> A gente entrava na banda como? A gente chamava bater lição, né! Cantar a lição lá para o maestro da banda, no qual essas lições, né! Depois eu vim me tocar disso, dá época, não foi por nenhum livro "Bona", nenhum livro assim, ele quem desenvolvia as lições. Começava com a escala de semibreve, né! A escala de Dó Maior, aí depois mínima, semínima, e assim tudo com compasso simples, 2/4, 3/4 e 4/4, começava com 4/4, e a gente cantava as lições, depois que eu me toquei disso, né! Como eu ia dizendo, sem sentido algum, nem a gente cantava afinado e também não tinha como cantar afinado, porque existia saltos [...] Era assim, era para a gente testar, treinar mais a visão, é, a leitura, aprender a ler, né! (DIEGO, 2020)

O maestro relata também que o maestro/professor da época também desenvolvia com os alunos o reconhecimento visual das tonalidades, maiores e menores. Para o desenvolvimento dessa competência os alunos precisavam valer-se de estratégias próprias de aprendizado, dentre elas a capacidade de decorar a quantidade de alterações e o nome da tonalidade correspondente, pois não havia uma explicação mais aprofundada do porque existia aquela relação. Tanto a execução das lições, quanto o reconhecimento visual das tonalidades eram requisitos básicos para que o aluno fosse selecionado para as aulas práticas de instrumento. Sobre essa questão, o Maestro Diego Bruno de Souza faz o seguinte relato:

> Eu tirei 16 lições, eu me lembro, aí pegava os tons, maiores e menores, as tonalidades maiores e menores, que a gente tinha que, ou decorar, mas não tinha explicação, assim, de ciclo das quintas, nada disso. É, a gente fazia por uma, eu fazia por uma regrinha no tempo, né! [...] Decorava a sequência das

> alterações sustenidas: fá, dó, sol, ré, lá, mi e si, e dos bemóis: si, mi, lá, ré, sol, dó e fá. Aí ele perguntava: ré maior? Aí eu descia uma nota de ré, era dó, por exemplo, aí eu fazia, pega 2: fá e dó. [...] Era assim, mas eu não sabia o que, qual era a intenção desse fá e desse dó sustenido na escala de ré maior, entendesse? A gente tinha que passar por esse processo para pegar o instrumento. (DIEGO, 2020)

É de fundamental importância perceber que este cenário descrito pelo Maestro Diego Bruno de Souza não é incomum entre as bandas de música no país, principalmente aquelas mais afastadas dos grandes centros, pois, aparentemente, a necessidade de ingresso nas atividades cotidianas da banda de música fazem com que o aprendizado de questões mais teóricas sejam deixadas de lado, sendo abordadas apenas os conteúdos mais básicos, necessários para a leitura das partituras utilizadas no repertório. Campos (2008, p. 108) constata em sua pesquisa que "alguns regentes reconhecem que o ensino de música nesse meio não acontece de forma adequada, pois, para eles a urgência de execução de um repertório no instrumento coloca o aprendizado da teoria musical em segundo plano". Campos (2008, p. 108) ainda completa dizendo que "o ensino sistemático de música e o desenvolvimento de uma percepção musical mais abrangente parecem ser desviados em função da urgência da execução do repertório".

Assumindo a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima em 2009, o Maestro Diego Bruno de Souza, dada a necessidade de formação de novos músicos, optou por começar o processo de musicalização destes novos alunos diretamente no instrumento, pulando aquelas etapas iniciais que fizeram parte da sua formação. Essa mudança de dinâmica se deu tanto pela necessidade de formação de novos músicos, quanto por limitações de conhecimento pedagógico/musical por parte do regente. A esse respeito comenta:

> Eu não sabia como ensinar os meninos cantar as lições afinado, né! E eu tinha que suprir a necessidade de formar músicos, porque quando eu assumi a banda aqui tava com poucos músicos [...] Tinha uns 18, 19 músicos, aí eu peguei e disse: não, eu tenho que formar aí uma galera, eu formar mais uns quatro músicos para completar a percussão, sabe? Aí eu comecei a entender que eu tinha que ensinar já no instrumento, eu sozinho. Aí eu disse: pra quê eu vou ter que ensinar o cara um monte de lição [...] Do mesmo jeito que eu aprendi, não. E eu não sabia como ensinar o cara a solfejar afinado. Aí eu ficava com essas, esses questionamentos, sabe? Como é que eu vou ensinar música? Aí eu disse: não, eu vou ensinar as lições no instrumento. Vou ensinar a soprar, entendeu? (DIEGO, 2020)

O mesmo relatou que ao longo dos anos foi sentindo a necessidade de aprimorar sua metodologia de ensino, necessidade esta que o levou a concluir em 2015 um curso de licenciatura em música pela Universidade Federal de Campina Grande, trabalhando

justamente a aplicação de um método de ensino coletivo com os alunos da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, metodologia que, intuitivamente, já aplicava de forma similar com seus alunos.

Tendo em vista que a filarmônica, conta com uma escola de música para os interessados em ingressar em seu corpo musical, os processos de ensino e aprendizagem acontecem em grande parte neste ambiente, sendo conduzidos pelo Maestro Diego Bruno de Souza. As vagas disponibilizadas levam em consideração as demandas existentes e são abertas semestralmente ou de acordo com alguma demanda específica para interessados a partir dos 10 anos de idade. Não há limite máximo de idade para o ingresso, atendendo desta forma, crianças, jovens e adultos da cidade.

A metodologia de ensino desenvolvida pelo Maestro Diego Bruno de Souza parte do ensino da notação musical, utilizando a escrita musical em três claves, porém com maior ênfase na leitura das notas escritas na pauta utilizando a clave de sol. Após esse momento inicial, quando os alunos já têm certo domínio dos elementos da escrita musical, é iniciado o processo de ensino do instrumento. Sobre essa dinâmica relata:

> Aí começo com esses meninos na sala de aula, é, propriedades do som, aí o que é pauta? Aquela iniciação ali, de notação musical, as claves, mas insisto na clave de sol, mostro as três, mas trabalho a clave de sol. Aí vou, quando eles estão sabendo as notas, é, na pauta, né! Estão sabendo ali identificar as notas, sabendo marcar o compasso com a mão, né! Quaternário, entendendo essa parte inicial, aí já vou para o instrumento. (DIEGO, 2020)

Tratando do ensino dos instrumentos na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, o Maestro Diego Bruno de Souza conta que ele mesmo ensina todos os instrumentos da banda. Contudo, conta com a ajuda dos alunos mais interessados, a exemplo do contramestre da filarmônica, que também é um dos alunos, para o desenvolvimento dessas atividades, dividindo o ensino com ele, porém sempre de forma supervisionada.

O maestro também utiliza métodos para o ensino dos instrumentos preparados por ele na perspectiva de preparar o aluno para as atividades musicais na Filarmônica. Sobre essa questão, o Maestro Diego Bruno de Souza faz o seguinte relato:

> Aí eu mesmo que ensino, todos os instrumentos da banda, mas eu uso de quê? Né! Pego os meus alunos mais interessados, que eles sempre estão lá [...] Ele está lá em todos os momentos, todas as aulas, todo dia, entendeu? Se eu for dar uma aula de iniciação musical ele está lá assistindo a aula [...] Aí ele é o contramestre da banda, ele que me ajuda. Tipo, eu fico dando aula aos metais, ele fica dando aula aos... e é bom que ele aprendeu, ele toca sax, toca flauta, toca tudo de palheta, aí ele fica dando aula. Só que eu supervisiono, sabe? (DIEGO, 2020)

O maestro também esclarece que, após um período inicial de aprendizado do instrumento, com aulas práticas duas ou três vezes por semana, desenvolvidas na segunda-feira, terça-feira e sábado, e com duração de aproximadamente 1 hora cada, quando o aluno já tem um certo domínio do instrumento e de leitura do código musical, o processo de aprendizagem do instrumento vai sendo desenvolvido em paralelo com o ingresso na banda, onde o aluno pode participar do ensaio, tocando os repertórios mais simples com toda a banda, geralmente no início do ensaio.

Com relação ao desenvolvimento de atividades pedagógicas com os componentes da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, além dos ensaios, o Maestro Diego Bruno de Souza esclarece que algumas aulas de teoria musical também são desenvolvidas com os músicos, de acordo com a procura por parte deles, ou a partir da percepção de necessidade por parte do regente, mas são desenvolvidas em dias diferentes das aulas regulares para os alunos. Sobre esta questão, o Maestro Diego Bruno de Souza relata:

> Aí como eu faço para dar aula para o pessoal da banda? Tipo, eu vejo, eu quero trabalhar um pouco de teoria [...] Eu faço assim: chamo quem quer. Eu digo oh! Vou dar aula de teoria quarta-feira sete horas da noite, quem quiser vem, quem não quiser não vai. Ai geralmente dá só aqueles mais interessados, entendeu? Nunca vai todo mundo. [...] Tem uns mais antigos que só tem o interesse em tocar ali na banda, e tal, não vão para as aulas de teoria. (DIEGO, 2020)

Por fim, o Maestro Diego Bruno de Souza pontua, que boa parte dos materiais utilizados em suas aulas são desenvolvidos por ele mesmo, entretanto, em certos momentos opta por utilizar outros métodos para ensino coletivo de instrumento, contudo relata que utiliza apenas as partes dos métodos que considera mais adequadas à sua metodologia de ensino, e utiliza apenas para alguns instrumentos específicos.

A partir das informações dadas pelo maestro Diego, podemos perceber como o ensino de música foi se desenvolvendo ao longo dos anos, e das mudanças de regência e consequentemente metodologias de ensino na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, servindo como base para que possamos compreender os processos de ensino e aprendizagem do saxofone que são desenvolvidos atualmente neste ambiente.

CAPÍTULO III

O ensino e aprendizagem de saxofone na perspectiva dos Saxofonistas

Para compreender como os saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima percebem o ensino do saxofone no ambiente que estão inseridos, foram realizadas entrevistas por meio de videoconferência, utilizando a plataforma *google meet*, entre os dias 20 e 22 de maio de 2020, com os 9 instrumentistas que compõem o naipe de saxofones da filarmônica. Todas as entrevistas foram gravadas e arquivadas para posterior transcrição e análise dos dados.

O referido Naipe é formado por 5 homens e 4 mulheres, com idades entre 15 e 35 anos. A participação nas atividades da filarmônica é facultativa para alguns deles, principalmente para os que desenvolvem atividades profissionais, na área musical ou não. Entretanto, alguns deles são bolsistas, o que requer uma participação mais frequente nas atividades que são desenvolvidas pela filarmônica, como ensaios, apresentações e aulas que são marcadas pontualmente.

Vale ressaltar ainda que um dos saxofonistas ocupa a função de professor de saxofone, ficando responsável pelo ensino do instrumento com os novos alunos. Este saxofonista também participou do processo de ensino de saxofone de alguns dos saxofonistas que compõem o atual naipe de saxofones da filarmônica. Para manter o anonimato dos saxofonistas utilizaremos a numeração de 1 a 9 para fazer referência à fala de cada um.

As entrevistas buscaram responder às seguintes questões: Como foi o processo de ingresso na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima? Como foram os primeiros estudos? Como eram as aulas de Saxofone? Como é o ambiente da filarmônica? Como estão os estudos atuais dos saxofonistas? E qual a percepção dos saxofonistas sobre o ambiente de ensino e aprendizagem do saxofone na filarmônica?

A partir desses questionamentos, busquei compreender os processos gerais de formação musical na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, pensando o processo de ingresso e primeiros estudos; as aulas de música e, com maior foco, de instrumento; o ambiente de ensaios e apresentações; e os estudos atuais dos saxofonistas da filarmônica.

3.1 Ingresso na banda

Com relação à motivação dos saxofonistas para o ingresso na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, dois fatores foram considerados como determinantes. O primeiro, que foi apontado pelos saxofonistas mais experientes, foi uma tradição que a cidade de Sumé possuía de preparar jovens para o ingresso na carreira de músico militar, o que fazia com que alguns pais colocassem seus filhos na filarmônica para que, dentro desta perspectiva, fossem preparados para esse futuro. Sobre essa questão um dos saxofonistas lembra:

> Foi mainha que colocou, né! Quando eu tinha uns 10 anos, ela me pegou pela orelha [...] e me levou para a banda para tocar. Eu sem querer tocar, né! Aí ela me levou para as aulas [...] Porque aqui tinha uma tradição, né! De quando o músico completasse 18 anos ia para o exército, eu acho que o que motivou ela foi isso (SAXOFONISTA 2).

O segundo motivo apontado pelos saxofonistas para motivar o seu ingresso na Filarmônica, e este sendo apontado por quase todos os saxofonistas, foi a influência de amigos que já faziam parte ou tinha interesse em ingressar na filarmônica. Sobre esta influência um dos saxofonistas aponta:

> Quando eu entrei na banda foi por influência mesmo, de amizades. Eu sempre gostei muito de música. É, uns amigos meus faziam parte da banda, da filarmônica, iam aí me convidaram, acabei indo também no embalo. Aí entrei uma vez, só que, é, fiquei pouco tempo, dois meses acredito, saí, aí entrei no ano seguinte que foi quando realmente eu entrei para ficar (SAXOFONISTA 3).

Ainda com relação ao ingresso, é comum que nos projetos de formação de banda de música, boa parte de seus integrantes tenham seu processo de iniciação musical realizado naquele ambiente, principalmente em cidades onde existem poucos projetos de iniciação musical.

Entretanto, existem aqueles que são oriundos de outros projetos de iniciação musical e acabam migrando para darem continuidade aos seus estudos musicais, pois em alguns casos o instrumento que deseja tocar não faz parte do projeto que está inserido, ou, em outros casos, por não se adequar à metodologia utilizada no ambiente que está inserido.

Este processo de migração para continuidade dos estudos musicais também aconteceu entre os saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, pois dos nove saxofonistas que hoje compõem o naipe de saxofones, três não iniciaram seus

estudos musicais neste ambiente, tendo sua iniciação musical ocorrido em outros ambientes musicais da região. Isso pode ser percebido no relato de um deles:

> Eu comecei na outra filarmônica, que aqui em Sumé tem duas [...] Eu comecei na outra, é, bem antes né! Quando eu tinha acho que 17 ou 18 anos, aí nesse período eu tive que parar de estudar, porque estava trabalhando né! Não tinha como conciliar na época. Aí depois de alguns anos acabei retornando para essa outra filarmônica (SAXOFONISTA 6).

Por fim, com relação ao ingresso na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, os dois motivos mais determinantes são a tradição da cidade na formação de músicos para a carreira militar, o que se apresenta como uma boa proposta de futuro profissional, e em termos quantitativos 6 saxofonistas iniciaram seu processo de formação musical neste ambiente, e apenas 3 vieram de outras atividades musicais desenvolvidas na cidade.

3.2 Primeiros estudos

Com relação aos primeiros estudos desenvolvidos pelos saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, vamos, inicialmente, dividi-los em dois: os que foram iniciados musicalmente neste ambiente, 6 saxofonistas; e os que migraram de outras atividades musicais desenvolvidas na cidade, 3 saxofonistas.

É importante ressaltar que a filarmônica ao longo de seus anos passou por mudanças na regência, o que acaba por modificar também as metodologias de ensino desenvolvidas. Desta forma, iremos considerar as metodologias aplicadas pelos dois últimos regentes, haja vista dois dos atuais saxofonistas terem sido iniciados musicalmente no período onde o maestro Gedeão Faustino Nunes Filho era responsável pela filarmônica.

Analisando o primeiro grupo, que teve sua iniciação musical desenvolvida na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, temos dois momentos distintos. Num primeiro momento, para os saxofonistas mais antigos (2), que foram iniciados musicalmente pelo maestro Gedeão Faustino Nunes Filho, a iniciação musical foi feita em duas etapas. Inicialmente tinham aulas de teoria musical e de solfejo rítmico. Posteriormente, os alunos que cumprissem determinadas metas estabelecidas pelo maestro/professor ingressavam na segunda etapa, que era o ensino do instrumento. Sobre isso um dos saxofonistas relata:

> Era aula de solfejo, no caso solfejo rítmico só [...] Solfejo e teoria. Eram 13 lições. Tinha que fazer as 13 lições, é, aprender os tons maiores e menores e algumas coisas do Maria Priolli, volume 1, para poder pegar no instrumento.

> Aí depois que pegava o instrumento estudava as músicas da banda, dobrado, esses negócios (SAXOFONISTA 2).

Num segundo momento, temos os saxofonistas (4), que foram iniciados musicalmente na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, mas agora sob a tutela do maestro Diego Bruno de Souza, atual regente. Para esses saxofonistas o processo de iniciação ocorreu de formas diversas, pois o próprio maestro estava ao longo dos anos desenvolvendo suas metodologias de ensino.

Dentre essas formas de iniciação musical adotadas com os saxofonistas, podemos citar a utilizada pelo regente anterior, com aulas de teoria musical e solfejo, antes de iniciar as aulas de instrumento, utilizada com 1 dos saxofonistas. Contudo, diferente do modelo anterior, os solfejos não eram apenas rítmicos, sendo exigido dos alunos também a afinação das notas durante os solfejos. Entretanto, a divisão do processo, de acordo este saxofonista, ocorreu por falta de instrumentos disponíveis naquele momento e não por ser a dinâmica adotada pelo regente na época. A esse respeito o saxofonista relata:

> A gente tinha aula de teoria e aula com as lições, no caderninho, batendo lições, né! No caso, a gente cantando as notas, as divisões, e só isso [...] Aí ia, é, divisão, semínima, colcheia. Aí quando chegava em colcheia, aí a gente começava a cantar as notas. Além da divisão rítmica tinha também a com notas: dó, ré, mi, fá e sol. Acredito que até sol [...] Nesse período foi basicamente 1 ano, porque não tinha instrumento[...] A gente ficou esperando chegar instrumento (SAXOFONISTA 9).

Outra das formas de iniciação musical utilizadas pelo maestro Diego Bruno de Souza com os saxofonistas, foi a musicalização por intermédio da flauta doce, antes dos alunos serem direcionados para os instrumentos utilizados na banda, essa estratégia foi desenvolvida em projetos que o maestro realizava na filarmônica, e foi utilizada com 3 dos saxofonistas. Sobre esses projetos um dos saxofonistas relata:

> Eu comecei na filarmônica através de um projeto que o maestro Diego lançou de flauta doce, em 2014, mais precisamente o projeto começou no dia 10 de fevereiro de 2014, e eu fiquei de fevereiro, de 2014, até setembro na flauta doce [...] O início foi com teoria, com lições, depois que ia para a parte prática (SAXOFONISTA 5).

Considerando agora o segundo grupo de saxofonistas (3), que migrou de outras atividades musicais desenvolvidas na cidade, o processo foi diferenciado, pois como já tinham algum conhecimento musical prévio, não precisaram passar pelos processos de iniciação musical desenvolvidos com os demais alunos, sendo direcionados para o aprendizado do

instrumento, e posteriormente para o ingresso na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima. Com relação a essa questão um dos saxofonistas relata:

> Eu já sabia um pouco, eu já sabia o básico. Então quando eu cheguei na filarmônica foi um pouco mais fácil, então não precisou eu ter, assim, a aula de teoria com o pessoal, aí eu fui aprendendo todo mundo junto mesmo [...] Eu já entrei na banda já (SAXOFONISTA 4).

De forma geral, os saxofonistas passaram por 3 tipos de processo de iniciação musical: aulas de teoria e solfejo e posteriormente as aulas de instrumento; iniciação musical através da flauta doce, tendo aulas de teoria em paralelo com a prática, antes de serem direcionados para os instrumentos utilizados na banda; e aulas de instrumento, para os que já detinham algum conhecimento prévio, em paralelo com a inserção nas atividades da filarmônica.

3.3 As aulas de Saxofone

Inicialmente, é importante ressaltar que na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima o processo de direcionamento para o estudo do instrumento é feito levando em consideração a disponibilidade de instrumentos, e em alguns casos, com base no que o regente acredita que seria o melhor instrumento para o aluno, levando em consideração questões relacionadas à estrutura física do aluno e/ou uma suposta aptidão para o manuseio do instrumento.

Essa dinâmica de direcionamento, aparentemente, é bem comum em projetos de formação de banda de música, principalmente naqueles que são desenvolvidos num ambiente onde não se tem tantos recursos disponíveis. Contudo, estudos sobre essa questão precisam ser desenvolvidos para compreender se essa dinâmica de direcionamento na escolha do instrumento é recorrente em projetos de banda de música, ou se acontecem de maneira mais pontual.

É importante ponderar que esse direcionamento feito pelo regente, por tirar do aluno a possibilidade de tocar o instrumento que desejava inicialmente, pode acabar sendo um elemento de desinteresse e de abandono dos estudos musicais. Contudo, na fala dos saxofonistas, isso não pareceu influenciar na questão da permanência na filarmônica.

Sobre a questão do direcionamento feito levando em consideração a adaptação física para determinado instrumento, um dos saxofonistas relata:

> Consegui pegar o instrumento com 10 anos de idade, mais ou menos, 10 para 11 anos de idade, só que já não foi o saxofone em si, né! Como eu era muito pequeno ainda, é, eu peguei um saxhorn, que é chamado trompa cachorrinho na banda, para aprender e tudo mais (SAXOFONISTA 1).

Já sobre a questão de uma suposta aptidão, a partir da ótica do regente, para o aprendizado de um certo instrumento, outro dos saxofonistas relata:

> Rapaz! Me deram o clarinete [...] O que eu queria na verdade era trompete. Só que tinha um grupinho de flauta, flauta doce, no início, e tocava, mas era uma brincadeira. Eu acho que o maestro viu ali que levava um jeitinho e disse: não, vamos por aqui, eu vou te dar um Clarinete, ver se você vai se adaptar (SAXOFONISTA 3).

Diante dessa dinâmica de direcionamento para o aprendizado dos instrumentos, apenas 4 dos 9 saxofonistas tinham previamente a vontade de estudar saxofone, e destes, 3 foram direcionados para outros instrumentos, os outros 5 saxofonistas desejavam estudar outros instrumentos, porém de acordo com a dinâmica inicialmente apresentada, eles foram direcionados para instrumentos diferentes do que desejavam a princípio.

Curiosamente, apenas 1 dos atuais saxofonistas da filarmônica iniciou realmente no saxofone, mas este já vinha de um outro projeto de ensino de música, onde começou a aprender saxofone, mas não deu seguimento ao estudo, e quando migrou para a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, o regente achou por bem aproveitar os conhecimentos básicos que o saxofonista já tinha. Sobre essa questão o saxofonista relata:

> Quando eu cheguei lá [...] A primeira que ele me deu foi o sax [...] Olhe você vai começar com o sax e eu vou lhe passar um método antes de você começar a querer aprender música [...] aí foi até o Amadeu Russo que eu ainda estou estudando com ele, né! (SAXOFONISTA 6).

Já os outros 8 saxofonistas, iniciaram em outros instrumentos, como o saxhorn, a requinta e o clarinete, indo para o saxofone apenas quando já estavam inseridos nas atividades regulares desenvolvidas naquele ambiente, mediante disponibilidade de instrumento, por conta de algum componente que saiu, ou a partir da compra individual do saxofone. Sobre este assunto um dos saxofonistas relata:

> Eu sempre quis trompete, sempre quis [...] Aí ele me ofereceu uma requinta, aí eu chega fiz: meu Deus! Eu queria um trompete, né! [...] Aí fui para a requinta, aí gostei demais [...] Aí passei 1 ano, 1 ano e meio na requinta e surgiu a oportunidade de ir para o sax [...] foi o menino do saxofone que ele foi indicado para ir para o Goiás, e ele foi, aí abriu essa brecha no saxofone (SAXOFONISTA 1).

Com relação às aulas, os encontros ocorriam 3 vezes por semana. Dois desses encontros eram para atividades de prática do instrumento, e o terceiro era o ensaio da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima. E sobre os materiais utilizados, inicialmente os exercícios eram copiados à mão pelo regente ou pelo músico da banda que estava acompanhando o processo, não havendo método específico para o estudo, e posteriormente eram utilizadas as partituras que compunham o repertório da filarmônica.

Desta forma, levando em consideração que apenas 1 dos saxofonistas iniciou o estudo do instrumento direto no saxofone, as primeiras aulas de instrumento que os outros 8 saxofonistas tiveram não foram de saxofone, mas sim de outros instrumentos, sendo o ensino destes instrumentos desenvolvido por músicos que já faziam parte da filarmônica. Sendo necessária uma transição posterior para o saxofone. Sobre esta questão um dos saxofonistas relata:

> Tinha as aulas de teoria, mas também tinha o momento de prática com o clarinete [...] O professor no início foi o maestro durante dois meses. Ensinou o básico até porque ele não toca clarinete, né! Mas tinha um músico mais experiente que já tocava a muito tempo na banda, ele que foi meu professor, assim, durante esse período [...] ele que foi meu professor durante esse período de clarinete [...] Teve uma orientação, tanto do maestro e também de um músico mais experiente que tinha tempo naquela época e sempre estava na filarmônica. Ele me orientou direitinho e tal, assim, é, nessa transição, mas a questão dos estudos ficava por conta minha mesmo (SAXOFONISTA 3).

Diante desta dinâmica de ensino, o que se apresenta com relação ao ensino do saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima é que, a partir da ótica dos saxofonistas que compõem o naipe atual de saxofone, ele foi desenvolvido a partir do aprendizado de outros instrumentos, similares ou não, com professores que não eram formalmente especializados nestes mas que tocavam há mais tempo, o maestro ou componentes mais antigos, e da adaptação dessas informações adquiridas para o universo do saxofone.

3.4 O ambiente da filarmônica

Com relação ao ambiente musical e de aprendizado da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, todos os saxofonistas apontaram que é extremamente agradável, onde as pessoas contribuem umas com as outras no desenvolvimento das

atividades, e que é um ambiente bastante propício para o aprimoramento dos conhecimentos musicais que ali são desenvolvidos. A esse respeito um dos saxofonistas afirma que:

> É um ambiente muito bom mesmo, assim. Todo mundo ajuda todo mundo. A galera é muito unida, sempre ajudando, principalmente aqueles que estão entrando. O pessoal antigo, é, ajuda muito também [...] A galera é mais unida mesmo. Num propósito só (SAXOFONISTA 8).

Outra questão, com relação ao aprimoramento dos conhecimentos desenvolvidos na filarmônica, diz respeito ao repertório utilizado, pois de acordo com todos os saxofonistas o repertório que eles desenvolvem faz uma mescla entre músicas que desafiam os naipes a estudar para que possam tocar determinados trechos, buscando assim a evolução técnica e musical dos músicos, com músicas que são mais confortáveis para ajudar na inserção dos novos componentes que ainda estão aprendendo a manusear os instrumentos e para trabalhar dificuldades particulares dos naipes. Sobre essa questão um dos saxofonistas diz:

> O repertório, assim, ele é bem diversificado [...] Hoje a gente toca mais arranjos do maestro, então ele escreve já sabendo, assim, do grupo que ele tem, né! [...] Já sabe as dificuldades de cada um, né! E já trabalha em cima disso [...] Tem arranjos que exige mais um pouco da gente né! Assim, para estudar mais em casa (SAXOFONISTA 7).

Então, de acordo com os saxofonistas, tanto o ambiente da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, no que diz respeito às relações pessoais e ao desenvolvimento das atividades musicais, quanto o repertório realizado por eles, são elementos que contribuem diretamente com o desenvolvimento musical e instrumental dos mesmos.

3.5 Os estudos atuais

Com relação aos estudos atuais dos saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, é importante ressaltar que apenas 1 dos saxofonistas atua profissionalmente como saxofonista, e este relatou que até 2012 estudava constantemente, com os materiais que dispunham, mas sem orientação específica. Entre os anos de 2012 e 2017 apenas tocava, para cumprir os compromissos profissionais, mas sem estudar regularmente. E nos últimos anos tem voltado a estudar mais o saxofone.

Diferente deste, que atua profissionalmente, os outros 8 saxofonistas tocam por hobbie. Desta forma, suas cargas de estudo não são regulares, e muitas vezes estão vinculadas

diretamente às dificuldades que encontram com relação ao repertório que estão trabalhando atualmente na filarmônica. Sobre essa questão um dos saxofonistas relata:

> Nesse tempo a gente não teve alguém para ajudar, ou coisa do tipo, mas sempre que a gente precisa o maestro está disponível, e eu estudei bastante porque ele passou um arranjo novo para quando a gente voltasse a gente ensaiar, e um trecho para as palhetas, no caso no sax e no clarinete era muito difícil, aí a gente teve que estudar bastante [...] eu estou estudando um método (SAXOFONISTA 8).

Outra dificuldade que os saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima encontram com relação à organização de seus estudos no saxofone, é no que diz respeito às suas rotinas de vida, e as atividades que desenvolvem no dia a dia, pois como estudam e trabalham em outras áreas, o estuda da música, e mais especificamente do saxofone, fica sempre em segundo plano. Sobre esta realidade um dos saxofonistas aponta que:

> Faz dois anos, dois anos e meio que eu estou estudando outra coisa [...] Aí exige muito, muito de mim, sabe? E de certa forma eu deixei o instrumento um pouco de lado, a música no geral, sabe? Porque eu trabalho e ainda estudo e tem a banda, sabe? Teve um tempo que eu estava muito sobrecarregada. Já cheguei a passar um mês sem tocar no sax, e tal. Aí nesse ano meu horário mudou, né! Aí é que eu estou tendo tempo de estudar (SAXOFONISTA 7).

Por fim, os 9 saxofonistas, independente de atuarem como profissionais, ou tocarem por hobbie, não mantém uma rotina regular de estudos, dadas as circunstâncias de suas vidas e das atividades que realizam, nem tem uma orientação especializada, nem uma variedade de materiais, para direcionar seus estudos, porém, tem sempre o maestro Diego Bruno de Souza, e os componentes mais experientes, do naipe de saxofones ou de outros naipes, à disposição para atenuar as dificuldades mais gerais.

A partir de então, com base nas informações apresentadas anteriormente, e relacionando-as com as categorias que foram estabelecidas no capítulo 1, **a construção da identidade docente** e **o aluno e seu aprendizado**, partiremos para uma análise mais detalhada das formas de ensino e de aprendizagem do saxofone desenvolvidos na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima ao longo dos anos.

3.6 A construção da identidade docente do professor de saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima

Retomando os estudos de Weber e Garbosa (2015, 2017); Menezes e Pereira (2017); Glaser (2018); Silva e Ronqui (2015); Weiss e Louro-Hettwer (2019); e Amorim (2017), a partir da ideia de que não existe um único caminho para se tornar um professor, e percebendo que naturalmente a identidade docente nesses espaços vai se moldando a partir da vivência musical do professor enquanto intérprete e aluno; das referências de modelos de antigos, e novos, professores; e da troca de experiência com os colegas, é possível identificar claramente na fala dos saxofonistas estes pontos nos processos de construção da identidade docente do professor de saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima.

É de fundamental importância compreender, que, ao longo dos anos na filarmônica, não existiu uma figura única denominada "professor de saxofone". O ensino do instrumento era anteriormente, segundo relato dos saxofonistas mais antigos, desenvolvido inicialmente pelo regente, que não era especialista no instrumento, mas tinha algum conhecimento sobre o instrumento, e com a supervisão dos músicos que já tocavam o instrumento, salientando que estes também não foram instruídos por um professor especializado no instrumento. Sobre essa questão um dos saxofonistas relata:

> O maestro ele tocava trompete na época, não entendia muito de instrumento de palheta, mas assim, tinha um certo conhecimento. Não vou tirar o mérito dele, também ajudou [...] Teve mais gente também que já tocava saxofone, que já tinha mais um pouco de experiência, mostrava uma coisa, mostrava outra, mas assim [...] Não tem uma pessoa específica, que eu vou dizer a você assim: essa pessoa me ajudou, me norteou. Não, não teve. Isso aí não tinha. Principalmente na época, parte de instrumento de palheta no geral [...] Dizia: oh! Toca aí mais ou menos, faz isso aqui. As partituras estão aí, vai se virando aí [...] Pergunta alguma coisa, mas assim, especifico, alguém, não tinha (SAXOFONISTA 1).

Com o passar dos anos, essa figura, foi se construindo a partir das mudanças que foram acontecendo, tanto com relação à troca na regência, quanto às modificações realizadas nas metodologias adotadas, aprimorando a dinâmica de ensino gradativamente, no sentido de tentar atender da melhor forma possível as necessidades de uma orientação mais adequada, e com materiais mais apropriados, não só para os saxofonistas, mas também para todos os músicos que estavam sendo formados na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima. Sobre essa questão um dos saxofonistas relata:

> Eu acho que hoje em dia é muito, muito melhor que antigamente. Hoje em dia é muito acesso. Muitos professores hoje em dia lá dentro da filarmônica [...] Muito menino bom o tempo todo lhe orientando, trazendo informação [...] Em termos da banda em si, de ensino, de cobrança, de ambiente pra você, se realmente quer sentar e estudar, é maravilhoso (SAXOFONISTA 3).

Esta perspectiva de construção de identidade docente percebida nos processos da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, reforçam as ideias de Tardif (2012), apresentadas por Weber e Garbosa (2017), que estando mergulhado na prática, e tendo que aprender fazendo, o professor passa pelo desafio de provar a si próprio e aos outros que é capaz de ensinar, aprendendo a profissão ao passo que demonstra ser capaz de atuar como professor.

As novas estratégias utilizadas pelo atual regente, como a mudança nas metodologias de ensino, o incentivo à participação dos saxofonistas em eventos com professores especializados e a busca por formação, tanto sua, quanto o estímulo à formação dos músicos, foram cruciais para a construção e consolidação da figura do professor de saxofone na filarmônica, buscando, mesmo em meio às dificuldades de acesso a informações mais específicas, desenvolver o ensino de música e de saxofone da melhor maneira possível.

Todas essas estratégias, principalmente as que proporcionaram ao professor de saxofone a troca de experiências com outros colegas que atuam também em ambientes parecidos, reforçam as ideias de Weber e Garbosa (2015) quando apontam que o contato e as experiências com os colegas também são importantes elementos no processo formativo do professor de instrumento. Esta ideia também é defendida por Tardif (2012), citado por Weber e Garbosa (2015), quando diz que “eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação”.

Diante da necessidade de aprender fazendo e na troca de experiências com os colegas, a figura do professor de saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima foi ganhando forma e se consolidando. Atualmente um dos saxofonistas do naipe desempenha esta função. Assim como citado anteriormente, em relação ao processo de formação do professor de instrumento numa banda de música, que aprende o instrumento ao passo em que ensina, este professor também vivenciou essa realidade.

Vale salientar que mesmo sendo reconhecido como o professor de saxofone pelos colegas saxofonistas, nem todos foram seus alunos, participando do processo de ensino apenas dos integrantes que estão na filarmônica a menos tempo que ele, e tendo em algum momento, como também passou pelo processo de mudança de instrumento, necessitado da

ajuda dos saxofonistas mais experientes, que ainda fazem parte da filarmônica, para aprender o manuseio básico do saxofone.

Por fim, atualmente a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima conta com um regente licenciado em música e um professor de saxofone técnico em instrumento musical. Vale salientar que a formação do professor de saxofone é de técnico em instrumento musical com habilitação em clarinete. Contudo, essas formações, tanto a do regente, quanto a do professor de saxofone, proporcionam aos alunos conhecimentos mais elaborados e mais sistematizados para o aprendizado do saxofone.

3.7 O aluno e o aprendizado do saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima

Retomando os trabalhos de Pscheidt e Araújo (2015); Oliveira e Santos (2016); Vieira Junior, Montandon e Martins (2017); Brasil e Galvão (2015); Farias (2017); e Zorzal (2015), é importante perceber que ao longo dos anos as formas de aprender um instrumento na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima foram se modificando, contudo, o caráter de autorregulação dos estudos por parte dos alunos e a necessidade de auxílio dos colegas, como estratégias de aprendizagem, continuam permeando o ambiente de aprendizado da filarmônica. Sobre essa questão um dos saxofonistas afirma:

> Todo mundo se ajuda. Quem sabe mais vai passando, assim. Tem deles também que se juntam para estudar, como é o caso dos clarinetistas [...] acho que é o naipe mais entrosado, porque eles se reúnem muito, são muito amigos e eles se reúnem bastante para estudar [...] e os meninos também do trombone, tuba, eles estão sempre, assim, juntos estudando (SAXOFONISTA 7).

Dentro desta perspectiva Vieira Junior, Montandon e Martins (2017) perceberam em suas pesquisas que os estudantes de instrumento que estão inseridos em ambientes parecidos ao da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, “preferem o auxílio dos colegas que aprendem com mais facilidade” e só depois, caso ainda tenham alguma dúvida, procuram o professor.

Em outras épocas, quando não se tinham professores com formação musical e materiais específicos para os instrumentos, essas estratégias eram cruciais para que os saxofonistas conseguissem desenvolver suas habilidades musicais e de manuseio de seus instrumentos. Outra forma, menos utilizada, era buscar também auxílio de músicos naturais

da cidade, que não faziam parte da filarmônica, mas em períodos de férias estavam na cidade, para elucidar alguma dúvida ou dar algum direcionamento.

Tais estratégias ainda continuam sendo usadas atualmente, contudo o aprendizado de saxofone hoje na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, possui um caráter mais "institucionalizado", pois além de existir a figura do professor de saxofone, existem estratégias metodológicas definidas, materiais específicos sendo utilizados, aulas regulares para os alunos e para os músicos (para estes a participação é facultativa) e um acompanhamento mais frequente dos estudos dos saxofonistas por parte do maestro e do professor de saxofone.

A esse respeito Pscheidt e Araújo (2015) ressaltam que "a presença de um professor parece validar as experiências de aprendizado", o que no contexto da filarmônica é fundamental para a legitimidade das atividades pedagógico/musicais ali desenvolvidas, e os autores ainda acrescentam que "na ausência de um professor, em alguns casos, esse papel pode ser transferido de modo que, mesmo na autoaprendizagem, são encontrados pontos de referência a serem seguidos".

Atualmente, com relação ao aprendizado de saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, os saxofonistas acreditam que as metodologias utilizadas são bastante significativas e contribuem muito para o seu desenvolvimento musical, pois aliam frequentemente teoria e prática, buscando desde os primeiros momentos envolver os alunos nas atividades cotidianas da filarmônica. Sobre isso um dos saxofonistas relata:

> A metodologia que o maestro usa eu acho muito bacana, sabe? Dá para desenvolver bastante porque ele junta a teoria com a prática, sabe? E ele procura envolver, assim, os alunos, é, já na banda. Ele faz arranjos mais simples, já para entrosar os meninos (SAXOFONISTA 7).

Com relação aos materiais, os saxofonistas avaliam que hoje eles têm muito mais acesso à materiais específicos para o aprendizado do saxofone, tanto por terem um maior acesso à internet, como pela preocupação dos professores em buscar e disponibilizar materiais específicos para o saxofone, diferente de outras épocas onde basicamente se tinha apenas o repertório como material de estudo. Sobre essa questão um dos saxofonistas ressalta:

> Hoje a gente tem acesso a método esbanjando, né! Todo mundo, no WhatsApp: Ei! Manda aí método tal, todo mundo, pá, na hora. Mas antes não tinha, não tinha isso, né! Para o que tinha no momento era só partitura mesmo, da banda, repertório da banda (SAXOFONISTA 3 da FMMAJL).

A respeito dessas questões que envolvem as estratégias de aprendizagem dos alunos em uma banda de música, Vieira Junior, Montandon e Martins (2017), em suas pesquisas em um ambiente de aprendizado musical similar ao da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, destacam que:

> Além de estudarem sozinhos e buscarem ajuda com colegas ou outras pessoas, os alunos citam a internet como local de busca e aprendizagem, tanto a aprendizagem das técnicas instrumentais ensinadas pelo professor e para aprendizagem de novas técnicas, quanto para obter repertório de interesse do próprio aluno e se automotivar para a aprendizagem (VIEIRA JUNIOR, MONTANDON e MARINS, 2017, p. 68).

Por fim, perguntados sobre a formação atual do saxofonista na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, e se essa formação é adequada para as atividades que desenvolve neste ambiente, e se essas atividades trazem uma base adequada para o saxofonista que deseja seguir uma carreira profissional, os saxofonistas afirmaram que para as atividades cotidianas, todos os conhecimentos adquiridos são bastante relevantes, e caso o saxofonista deseje enveredar pela carreira profissional, os conhecimentos que adquiriu na filarmônica formam uma boa base para a construção de novos conhecimentos que serão necessários para tal empreitada.

Essas afirmações mostram que os saxofonistas percebem o ensino de saxofone desenvolvido na filarmônica de forma mais basilar, atendendo as necessidades que eles têm para a execução do repertório desenvolvido pela filarmônica, mas que para outras perspectivas musicais teriam de buscar novos, e mais elaborados, conhecimentos para agregar a sua formação como saxofonistas.

Diante de tudo que foi apresentado é possível perceber que o processo de ensino e aprendizagem do saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima passou, e ainda passa, por modificações metodológicas constantes, tentando atender as necessidades básicas de conhecimento teórico e prático dos saxofonistas, e buscando sempre a forma mais funcional e exequível de ensino, dentro das possibilidades apresentadas, para o trabalho musical desenvolvido naquele ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender as principais concepções dos saxofonistas integrantes de uma banda de música no cariri paraibano sobre os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos neste contexto, a banda escolhida foi a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, e toda a análise foi baseada no olhar do regente e dos 9 saxofonistas que compõem o naipe atual de saxofones, em confronto com a bibliografia atual acerca do ensino de saxofone em distintos contextos.

A partir do questionamento sobre como o ensino-aprendizagem do saxofone está sendo desenvolvido na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima a partir da ótica dos saxofonistas da banda, foram feitas entrevistas com o maestro e com os saxofonistas no intuito de, através de seus olhares e experiências, poder compreender como o ensino do saxofone é desenvolvido neste ambiente.

Como pudemos perceber, ao longo da pesquisa, nas falas dos atores deste processo, este ensino foi se transformando ao longo dos anos, e ganhando novas formas, processos, e a se aprimorando, dentro da medida do possível, para a época e região, em algo que pudesse proporcionar aos saxofonistas da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima uma formação musical básica para o desenvolvimento de suas funções naquele ambiente.

A partir da bibliografia utilizada nesta pesquisa pudemos, inicialmente, compreender como o professor de saxofone constrói sua identidade neste ambiente, e como os alunos de saxofone encontram seus caminhos de aprendizado, reforçando essas concepções com os relatos e experiências compartilhados pelos atores deste processo, relacionando e conectando o pensamento teórico e seu desenvolvimento prático no ambiente estudado.

Analisar o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima foi extremamente produtivo, pois as informações coletadas neste ambiente apresentaram um panorama, que mesmo pontual e particular, de como o ensino de saxofone vem sendo desenvolvido em bandas de música numa região mais afastada de um grande centro, o que pode servir de base para a compreensão de processos correlatos na região.

Quando resolvi fazer a pesquisa neste ambiente, tinha o pressuposto que o ensino do saxofone desenvolvido naquele contexto seguiria a tradição do ensino de instrumento adotado pelas bandas de música municipais ao longo da história em nosso estado, com exaustivas repetição de lições no processo de iniciação, a utilização do repertório como método de

prática instrumental, e com professores que têm sua experiência musical adquirida em contextos similares e não possuem uma formação acadêmica específica

Ao longo deste trabalho, e a partir do relato dos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem do saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, pude perceber que este pressuposto se aplicaria, em sua totalidade, caso este estudo fosse realizado em um outro momento, entretanto, com os processos de mudança que foram sendo realizados neste ambiente ao longo dos anos, a realidade apresentada não se mostra exatamente dessa forma.

Todavia, isso não quer dizer que o ensino de saxofone desenvolvido naquele contexto, em algum momento no decorrer de sua história não tenha apresentado essas características, ou que, em certa medida, não apresente ainda resquícios dessas práticas mais tradicionais de bandas de música. Principalmente com relação aos processos de iniciação musical e instrumental. O pressuposto apresentado, portanto, traz consigo algumas questões que precisam ser ponderadas, haja vista o processo de ensino de saxofone no ambiente estudado, ser mais complexo e dinâmico que o esperado inicialmente.

Sobre seguir a tradição do ensino de instrumento adotado pelas bandas de música municipais ao longo da história em nosso estado, encontramos na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima práticas que buscam sim reforçar as tradições existentes nesses espaços, não por desconhecimento de novas maneiras ou por pressão sociedade que a compõem, mas sim na tentativa de manter viva uma tradição que detém certo valor para os atores deste processo.

A exemplo disto, podemos citar a manutenção do uso considerável de dobrados em seu repertório, mesmo em meio a certos movimentos que buscam uma maior divulgação de músicas mais conhecidas do grande público. Dentro deste processo, como foi relatado pelos saxofonistas, os dobrados foram, de forma quase que exclusiva num momento mais inicial, e ainda são, de forma compartilhada com outros documentos, importantes “métodos” de estudo e de desenvolvimento técnico para os saxofonistas.

Sobre o processo de ensino do saxofone ser realizado com repetições exaustivas dos métodos e repertório utilizados, podemos perceber que essa metodologia, mais tradicional, foi sim adotada em certo momento, porém com o passar do tempo foi se modificando a partir das necessidades que se apresentavam, e dos conhecimentos acadêmicos musicais que eram adquiridos pelo regente e pelos próprios alunos de saxofone.

A esse respeito podemos encontrar esse movimento de mudança metodológica nos direcionamentos que o regente atual deu quando assumiu. Sentindo-se de certa forma

despreparado para desempenhar da melhor forma possível o ensino de música, foi buscar uma formação adequada para embasar as ideias que iam surgindo, e aprendendo novas maneiras de desenvolver o ensino de música naquele ambiente. Atitude que difundiu entre os músicos, levando alguns deles a buscar também algum nível de formação, como no caso do professor de saxofone que é técnico em música, com habilitação em clarinete, pois foi seu primeiro instrumento.

Com relação ao fato do ensino de saxofone ser desenvolvido com professores que têm grande parte de sua experiência musical adquirida em bandas de música e não possuírem uma formação acadêmica específica, esta afirmação reflete bem o cenário encontrado, contudo as dificuldades de uma formação específica para o ensino de saxofone, se apresentam pela localização da cidade, que está afastada de grandes centros de ensino, e até certo momento da indisponibilidade de escolas especializadas em música na região. Realidade esta que começou a mudar com a chegada do curso técnico em instrumento musical do IFPB na cidade de Monteiro. Todavia, a busca por um ensino cada vez mais embasado teoricamente sempre foi um norte para o maestro atual, desde que assumiu o cargo.

Desta forma, o que pude concluir ao analisar como o ensino-aprendizagem do saxofone está sendo desenvolvido na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima a partir da ótica dos saxofonistas da banda é que, de acordo com os relatos do maestro e dos saxofonistas, o ensino-aprendizagem de saxofone desenvolvido neste ambiente foi se modificando, gradualmente, ao longo dos anos e se afastando, em termos metodológicos, de práticas que eram desenvolvidas em outras épocas e que hoje seriam encaradas como ultrapassadas.

Por fim, o processo de ensino-aprendizagem do saxofone na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima, na ótica dos saxofonistas, passou por alguns processos de mudança ao longo dos anos, mas sempre buscou os melhores caminhos metodológicos para um resultado que atendesse, da forma mais adequada possível para o contexto, às necessidades musicais e técnicas dos saxofonistas. Se apresentando assim, dentro deste formato de ensino de saxofone em banda de música, como uma das referências na região.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Robson Maia de. *Tocando o repertório curricular*: bandas de música e formação musical. 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

AMORIM, Humberto. O ensino de música nas primeiras décadas do Brasil oitocentista (1808-1822). *Opus*, v. 23, n. 3, p. 43-66, dez. 2017.

BRASIL, Ana Isabel Cartaxo Guimarães; GALVÃO, Afonso Celso Tanus. Processos de aprendizagem expert de pianistas e cravistas, desde a infância até uma idade adulta. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 23, nº 35, 120-132, jul-dez. 2015.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 19, 103-111, mar. 2008.

DIEGO. Entrevista concedida por Diego Bruno de Souza a Abimael de Oliveira Silva em Monteiro/PB. Arquivo em áudio digital [mp3], duração 00:25:44, Monteiro/PB, 11 e 18 maio. 2020.

FARIAS, Maria Amélia Benincá de. Tecladistas de instrumento eletrônico: formação, atuação e identidade musicais. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 25, nº 38, 76-88, jan-jun. 2017.

GLASER, Scheilla Regina. Processos de ensino e aprendizagem da performance pianística: um ensaio sob a perspectiva do princípio de continuidade de John Dewey. *Revista da ABEM*, v. 26, n. 41, p. 98-114, jul. /dez. 2018.

GLASER, Scheilla R; FONTERRADA, Marisa. Músico-professor: uma questão complexa. *Música Hodie*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 27-49, 2007.

MENEZES, Anco Marcos Silva de; PEREIRA, Marcus Vinicius Medeiros. Oswaldo Amorim: gestos didáticos fundadores e específicos no ensino de baixo elétrico. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 25, nº 39, 81-101, jul-dez. 2017.

NASCIMENTO, Marco Antônio Toledo. A importância da banda de música como formadora do músico profissional, enfocando os clarinetistas profissionais do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1, 2004, Goiânia. Anais... Goiânia: ENECIM, 2004.

NASCIMENTO, Marco Antônio Toledo. O ensino coletivo de instrumentos musicais na banda de música. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 16, 2006, Brasília. Anais... Brasília: UNB, p. 94-98.

OLIVEIRA, Roni Rodrigues de; SANTOS, Regina Antunes Teixeira dos. As preferências musicais de jovens instrumentistas: relações com o repertório estudado. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 24, nº 37, 81-97, jul-dez. 2016.

PEREIRA JÚNIOR, Dercy Cordeiro. *O Ensino Coletivo de Instrumento Como Possibilidade de Aplicação na Educação Básica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Música-Licenciatura). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

PSCHEIDT, Jean Felipe; ARAÚJO, Rosane Cardoso. Aprendizagem, identidades e experiências de um baterista: uma análise a partir do modelo Snowball Self. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 23, nº 35, 105-119, jul-dez. 2015.

SILVA, Francinaldo Rodrigues da. *A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música*: um estudo com duas bandas escolares. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

SILVA, Raphael Rodrigues da; RONQUI, Paulo Adriano. A prática do buzzing no ensino e aprendizado dos instrumentos de metal. *Opus*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 69-88, jun. 2015.

SOUZA, Diego Bruno de. Aplicação do método *da capo* na Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima. 2015. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

SOUZA, Simone Barros de. *A educação musical e o ensino não formal: um estudo sobre a Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima da cidade de Sumé - PB*. 2016. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

VIEIRA JUNIOR, Luís Antonio Braga; MONTANDON, Maria Isabel; MARTINS, Paulo Roberto Affonso. Estratégias de autorregulação da aprendizagem musical: um estudo em uma banda de música escolar. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 25, nº 38, 62-75, jan-jun. 2017.

WEBER, Vanessa; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. A construção da docência do professor de instrumento: um estudo com bacharéis. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 23, nº 35, 89-104, jul-dez. 2015.

WEBER, Vanessa; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. Práticas docentes de bacharéis em instrumento: inseguranças e dificuldades com o ensino. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 25, nº 39, 102-114, jul-dez. 2017.

WEISS, Douglas Rodrigo Bonfante; LOURO-HETTWER, Ana Lúcia de Marques e. Narrativas musicais de professores de acordeom: inseguranças e dificuldades formativas. *Opus*, v. 25, n. 1, p. 121-148, jan. /abr. 2019.

ZORZAL, Ricieri Carlini. Prática musical e planejamento da performance: contribuições teórico-conceituais para o desenvolvimento da autonomia do estudante de instrumento musical. *Opus*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 83-110, dez. 2015.